

COTA 902/400
 NÚCLEO F.L.
 REGISTO 16
 BIBLIOTECA MUNICIPAL
 DE NISA

Os Menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa) *

Por J. PINHO MONTEIRO
 e MÁRIO VARELA GOMES

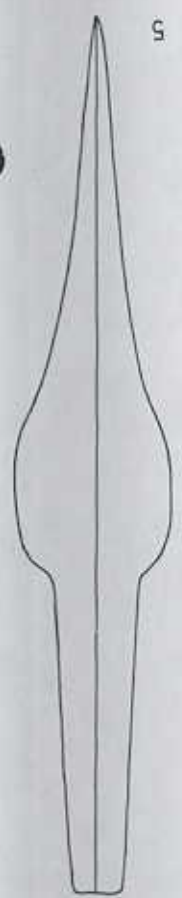
1. INTRODUÇÃO

A Beira Baixa e o Alto Alentejo, na franja do seu encontro, o vale do curso médio do rio Tejo, tem passado despercebida na sua importância arqueológica, facto que também se verifica para muitas outras zonas, tanto do interior como do Sul do País.

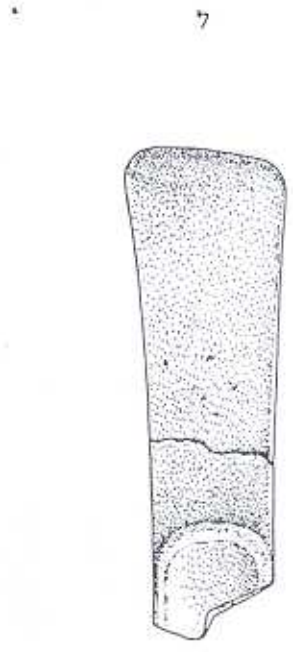
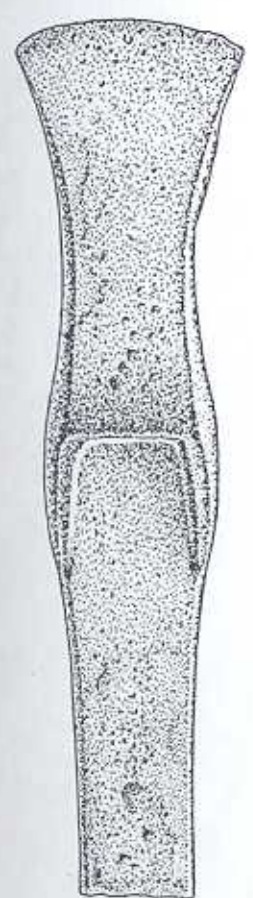
Francisco Tavares Proença Júnior dedicou sistematicamente a sua actividade a esta região de transição geográfica e cultural, revelando-nos sobretudo, no campo da arqueologia pré-histórica, o castro e as estelas de S. Martinho de Castelo Branco e a «necrópole dolménica de Sarradas do Rodão». Também Pereira da Costa, Júlio Basso, Leite de Vasconcelos, F. Alves Pereira, E. Jalhay, Afonso do Paço os Leisner, J. P. Barata, Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, Mário Saa, M. A. Horta Pereira, M. da Conceição Rodrigues e A. Coffyn fornecem dados relativos, principalmente, à exploração de antas e ao estudo de peças metálicas ou elaboram inventários concelhios.

Apesar deste rol de trabalhos que à região e aos seus arredores, desde data recuada, têm sido dedicados, os materiais, sendo na sua maioria incanalicados e escassos, não permitem esclarecer os muitos problemas arqueológicos que ela coloca, notoriamente nos concelhos ribeirinhos do Rodão e de Nisa (veja-se, a propósito, a breve resenha sobre as zonas limítrofes do Tejo de V. M. Serrão e T. Marques — Baptista *et al.*, 1974, 299-302).

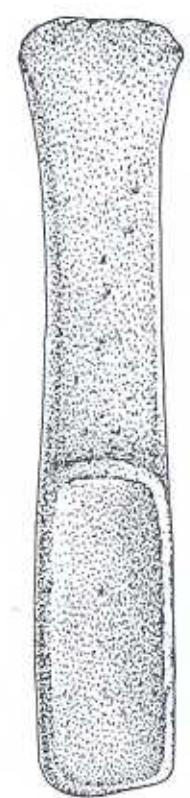
* Trabalho entregue na Redacção em Novembro de 1977.



5



7



8



Com a descoberta em 1971 do Complexo de Arte Rupéstre do Tejo (Serrão *et al.*, 1972 e 1973) seria revelado não só um importante conjunto artístico-cultural, como uma zona charneira no quadro da arte pré-histórica ibérica, prometendo o seu estudo um melhor entendimento dos aspectos estilísticos, cronológicos, históricos, culturais e estruturais das diversas correntes artísticas peninsulares.

Em Junho de 1975, levámos a efeito no concelho de Nisa mais uma campanha de prospecções com vistas à inventariação dos lugares com interesse arqueológico que pudessem, de algum modo, enquadrar culturalmente as gravuras do Complexo do Tejo (fig. 2). A partir de uma informação do Sr. Francisco Esteves, residente na povoação de Chão da Velha, encontramos os dois menires que são objecto deste estudo (1).

2. LOCALIZAÇÃO (fig. 1)

Para se atingir o local onde se encontram os dois menires, denominado de *Charneca do Vale Sobral*, deve-se, saindo de Nisa, tomar a E. N. 18 em direcção a Castelo Branco. Passados cerca de 2,5 km., segue-se por uma estrada que deriva à esquerda, conduzindo às povoações da Velada e de Chão da Velha. Ultrapassado o cruzamento da Velada, continua-se para Chão da Velha para, três km. adiante, se entrar, ao lado esquerdo, por um caminho florestal que irá, algumas centenas de metros à frente, ladear uma lagoa. A Charneca do Vale Sobral é pois toda esta zona que rodeia a lagoa, situando-se os menires ao lado esquerdo de um caminho que, partindo do extremo poente da lagoa, se dirige para sul, penetrando no eucliptal recente onde aqueles se encontram. A freguesia de S. Matias (também conhecida na região por Cacheiro), à qual pertence a Charneca do Vale Sobral, é limitada por três cursos de água, o Tejo, a Ocidente, a ribeira de Figueiró, a Sul, e a de Nisa, a Norte. Faz parte do concelho de Nisa e do distrito de Portalegre.

(1) Nestes trabalhos, e na sondagem que realizámos em Novembro do mesmo ano, contamos com a colaboração de Isabel Mendes e de Rosa Maria Gonçalves, alunas da Faculdade de Letras de Lisboa, às quais expressamos os nossos agradecimentos.

As coordenadas geodésicas, referentes a um ponto central do local onde se ergueram os dois menires, são as seguintes:

39° 34' 12" de Latitude Norte

7° 43' 34" de Longitude Oeste de Greenwich
(segundo a Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000, folha 28-B, Nisa, Serviços Geológicos de Portugal, 1964).

3. AMBIENTE GEOGRÁFICO (figs. 1-2)

Segundo a Carta Geológica de Portugal na folha acima citada, o planalto onde se encontram os monumentos, elevando-se a cerca de 250 metros sobre o leito actual do Tejo, é constituído por um depósito de cascalheiras com intercalações argilo-arenosas plio-pleistocénico (podendo ser atribuído ao que hoje se considera como a base do Quaternário). Esta formação, envolvendo uma pequena lagoa, assenta directamente sobre as arcoses da Beira Baixa, elevando-se na extensão do complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico das Beiras.

Terreno ondeado, dissecado pela abrasão continental e cortado por várias linhas de água em vales profundos e encaixados, de cursos sinuosos, normais na geografia de xistos, cumeado por retalhos de antigos depósitos desmontados pela erosão, como é o caso da Charneca do Vale Sobral, representa bem a transição morfológica das Serras da Beira para as plataformas de aplanção do Alentejo que se efectua na faixa geográfica entre Castelo Branco e Nisa. Com razão, A. Girão chama a esta faixa *Beira Alentejana*, na qual inclui os concelhos de Penamacor, Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Rodão, Gavião e Nisa, bem como a freguesia de Póvoa e Meadas, do concelho de Castelo de Vide, colocando o limite das duas províncias num paralelo que passa a poucos quilómetros a sul de Nisa (1933, 100-101, mapa a p. 100).

A florestação feita há cerca de vinte anos, alterou substancialmente a paisagem local. Hoje são os eucliptos que preenchem vastas zonas, ao lado de alguns pinheiros, de pequenas veigas nas baixas alagadiças, ocupadas pela agricultura de regadio e de retalhos de charneca cobertas de densas matas de estevas (*Cistus ladaniferus*) que outrora,

exalando os seus odores perfumados, constituíram o manto arbustivo da região. Leite de Vasconcellos, referindo-se à sub-região dos *Montes de Nisa*, correspondente à área das freguesias do Arneiro e de S. Matias-Cacheiro, diz-nos ser a zona «charneca antiga, que se tem ido desbravando a pouco e pouco» (1942, 554). Os rebanhos de cabras e de ovelhas e os arroteamentos para a agricultura extensiva de cereais contribuíram, ao lado da florestação recente, para expulsar o antigo revestimento vegetal e alterar a paisagem primitiva.

4. DESCRIÇÃO DOS MENIRES E SONDAGEM

Os dois monólitos jazem a dez metros de distância um do outro. É de prever a existência de outros que possam estar ainda enterrados.

4.1. MENIR 1 (Ests. I-III; figs. 3-4)

É em granito de grão médio, não-porfíroide, medindo actualmente $1,28 \times 0,65 \times 0,64$ metros. Encontrava-se tombado e partido segundo um plano oblíquo ao seu eixo maior por uma fractura artificial que o amputou em cerca de $1/3$ do seu volume inicial. Era originalmente um monólito de forma cilíndrica e de extremidades hemisféricas, com talhe cuidado. Está decorado com 24 covinhas que variam em diâmetro entre os 0,02 e os 0,15 m. e, em profundidade, entre os 0,005 e os 0,055 metros. Descoberto, como dissemos, tombado e semi-soterrado, a posição em que se localizam as covinhas, parte delas abertas na base do menir, prova que a gravação foi anterior à erecção do monólito, pois quando o menir estivesse erguido parte das gravuras ficavam soterradas no solo (Est. III-B e figs. 3-4).

Procedemos, em Novembro de 1975, a uma sondagem junto à extremidade que suspeitávamos ser a base do menir e encontramos os restos do aparelho de sustentação. Apesar de semi-destruído em consequência do derrube do menir, como adiante veremos, conserva ainda dois blocos de xisto que foram encostados à base do monólito quando erguido e travados por grandes seixos de quartzo, tendo o conjunto sido depois preenchido por seixos de menores dimensões e por terra (fig. 4).

Os dois blocos de xisto do alicerce que estavam ainda *in loco* a oeste do menir, formavam um ângulo recto entre si, sendo possível que do lado oposto tivesse existido uma estrutura semelhante. Com efeito, à superfície e durante a escavação, deparámos, principalmente no canto norte do quadrado, perto do menir, com alguns seixos de grandes dimensões, deslocados e aglomerados, que teriam certamente servido de travamento aos blocos de xisto da parte da coroa de sustentação destruída (fig. 4, planta). Os blocos de xisto estavam colocados a 0,40 m da superfície do solo actual e os grandes calhaus que os travavam (seguramente de origem local) um pouco mais acima, a cerca de 0,30 metros. Notámos ainda a existência de uma cova com cerca de 0,54 m de fundo, visível com certa dificuldade no corte estratigráfico devido aos remeximentos, rodeada pelos blocos de xisto, onde repousaria o menir quando erguido (fig. 4, corte).

O processo utilizado no derrube do menir, que conseguimos reconstituir através da sondagem, consistiu na abertura de uma pequena vala junto à sua base, no lado nascente, retirando-se em seguida as pedras de sustentação e de travamento deste lado e do lado norte e empurrando-se depois simplesmente o menir naquele sentido. Verificou-se assim ter sido intencional o derrube do monólito, encontrando-se ainda a norte alguns dos seixos de travamento deslocados do aparelho. Uma zona de remeximento no lado nascente parece indicar, para além de derrube, o propósito de enterrar o menir, pois toda a zona sondada a poente, em redor dos dois blocos de sustentação que foram conservados, apresenta um depósito do tipo cascalheira, muito coeso e compacto, que contrasta vivamente com a zona nascente, remexida, onde os seixos estavam soltos (fig. 4).

A estratigrafia observada no corte é formada por três níveis que correspondem geologicamente à mesma formação, representando a sequência sedimentológica normal de um depósito de cascalheira:

- N. I — superficial, com 0,10 m de potência média, constituído por arcias castanho-amareladas e por seixos de quartzo e de quartzo de reduzidas dimensões; muito pouco coesa;

N. II — tem 0,15 m de potência média, de natureza argilo-arenosa avermelhada, com seixos de maior calibre que os anteriores, envolvidos numa matriz mais compacta;

N. III — diferencia-se do anterior por apresentar uma maior coesão dos materiais e por ser formado por sedimentos mais claros, argilo-arenosos amarelados; não obtivemos a potência deste nível por apenas se ter sondado o terreno até 0,60 metros de profundidade, notando para a base o aparecimento de seixos de maiores dimensões (fig. 4, corte).

É possível que o derrube e a amputação a que o menir foi sujeito se possa incluir na política de destruição empreendida pelas autoridades eclesiásticas no intento de aniquilarem antigos cultos, crenças e superstições pagãs de que este monumento, como tantos outros, teria sido alvo. A proximidade da igreja de S. Pedro que se erguia na povoação morta do mesmo nome, a cerca de um km. a sudoeste, no vale vizinho à charneca, ambas actualmente de todo arrasadas, é mais um elemento a considerar no âmbito desta hipótese, acrescentando que os menires do Vale Sobral são hoje completamente ignorados das gentes da região.

O Monte de S. Pedro onde têm sido assinalados artefactos pré-históricos e as antas existentes nos termos das freguesias do Cacheiro-S. Matias e do Arceiro (de muitas das quais só resta a memória popular), são os testemunhos arqueológicos que poderão eventualmente contribuir para um enquadramento dos dois monumentos que estamos estudando (fig. 2).

Recapitulemos, em síntese, as sucessivas operações a que foi sujeito o menir 1 da Charneca do Vale Sobral.

1. *Afeiçoamento do monólito e gravação das covinhas*

2. *Ereção do menir*

a) abertura de uma fossa e levantamento;

b) construção de um aparelho de sustentação dentro da fossa, com blocos de existo encostados ao menir e travados por grandes calhaus de quartzito;

c) colocação de um enchimento, com seixos de menores dimensões e terra.

3. *Derrube e mutilação*

- a) escavação de uma vala no lado nascente;
- b) desmontagem de parte do aparelho, nos lados nascente e norte;
- c) derrube, empurrando o menir, agora privado dos elementos que o sustinham, para a vala aberta;
- d) mutilação, arrancando-se cerca de 1/3 da massa do monumento, a qual possuía também decoração, pelo que se pode deduzir de uma covinha cortada pelo plano de fractura (cf. fig. 3);
- e) cobertura do menir com terra e cascalho.

Recolhemos durante a escavação algum material lítico que embora pertença a um episódio anterior, encontrando-se com frequência nos depósitos de cascalheiras da região⁽¹⁾, não deixaremos, no entanto, de apresentar, apesar de não possuir, repetimos, nenhuma relação com o menir, pois não estavam em conexão com a fossa ou com o aparelho de sustentação.

Adaptaremos para estas lascas, por uma questão de normalização, o sistema descritivo proposto para os seixos afeiçoados por Sande Lemos e Pinho Monteiro (1975), alterando, todavia, os critérios de *orientação*

⁽¹⁾ Comunicação sobre os *Materiais líticos dos depósitos quaternários de Vila Velha de Ródão*, apresentada em Novembro de 1973 ao III Congresso Nacional de Arqueologia (Porto) por A. Martinho, F. Sande Lemos, L. Raposo, M. Martins e M. Varela Gomes.

e de *localização* que aqui são baseados, não no eixo maior absoluto do artefacto, mas no de *debitagem*, como é de uso fazer-se na descrição deste tipo de utensílios, entendendo-o como o eixo perpendicular ao plano de percussão que passa pelo ponto de impacto. A peça considera-se orientada quando este eixo se dispõe na vertical. Abandonamos também certos atributos definidos naquela «ficha analítica descritiva» que não são pertinentes na morfologia das lascas.

Vale Sobral/1 (fig. 5:1)
Nível superficial (N. I)
5,4 × 7,4 × 2,3 cm.

Lasca em quartzo, bastante larga e espessa, de cor castanha-amarelada clara e com uma mancha amarelada localizada na zona proximal do anverso e do reverso, ambas periféricas. Contorno sub-circular, perfil triangular e secção bi-convexa. Retocada no bordo superior direito, a partir da extremidade distal, através de pequenos levantamentos marginais e sub-verticais, obtidos a partir do reverso, formando um gume côncavo e por uma truncatura sub-vertical no bordo superior esquerdo, junto à extremidade distal, definindo um gume também côncavo e obtido a partir da face oposta. O encontro destas duas zonas retocadas determina uma ponta triangular na extremidade distal. O reverso está ocupado pela superfície de lascamento, com bolbo de percussão nítido, o qual constitui com o plano de percussão, liso e conservando o córtex, um ângulo de cerca de 45°. Os bordos inferiores esquerdo e direito desta face apresentam esmagamentos e estalamentos descontínuos.

Vale Sobral/2 (fig. 5:2)
N. I
4,9 × 3,9 × 1,5 cm.

Lasca em quartzo larga, achatada e pouco espessa, de cor cinzenta-amarelada clara. Contorno sub-circular, perfil e secção bi-convexos. A parte superior direita do bordo do anverso é ocupada, a partir da extremidade distal, por um pequeno levantamento sub-vertical, obtido a partir do reverso e por um estalamento vertical, enquanto

a parte esquerda do mesmo bordo apresenta um retoque alerno, marginal e sub-vertical, conseguido a partir das faces opostas. O encontro das duas zonas retocadas, a primeira formando um gume direito, a segunda, um convexo, define uma ponta triangular aguçada. Esta face é ocupada por uma superfície de lascamento, sinal de ter sido preparada sobre o núcleo, com bolbo nítido e conservando a superfície original do seixo na parte direita, inferior e mesial, e na parte esquerda inferior do anverso. A parte mesial direita mostra estalamentos. O reverso é ocupado pela superfície de lascamento com bolbo nítido e espesso que forma com o plano de percussão, liso e oblíquo, um ângulo de debitagem de cerca de 45°.

Vale Sobral/3 (fig. 5:3)
N. II
5,4 × 3,1 × 1,2 cm.

Lasca em quartzo comprida, achatada e pouco espessa, de cor castanha-avermelhada escura. Contorno sub-retangular, perfil plano-convexo e secção triangular. O anverso apresenta uma *encabe* no bordo mesial direito, periférica, sub-vertical e obtida a partir do reverso. O bordo esquerdo é ocupado por um retoque alerno, marginal e sub-vertical, formado por pequenos levantamentos que definem um gume direito que se arredonda para as extremidades distal e proximal. O reverso conserva a superfície de lascamento com bolbo rebaixado, notando-se um esmagamento na extremidade proximal esquerdo desta face apresenta uma pequena *encabe* periférica e sub-vertical, conseguida a partir da face oposta.

Vale Sobral/4 (fig. 5:4)
N. III
5,9 × 6,1 × 2,7 cm.

Lasca em quartzo bastante larga e espessa, de cor cinzenta-clara. Contorno sub-circular, perfil e secção triangulares. Não tem retoque. Na parte superior esquerda e direita do reverso localizam-se duas superfícies de estalamento que apresentam pequenos esmagamentos, talvez

resultantes de utilização. O bolbo forma com o plano de percussão, liso e vertical, um ângulo de debitage de cerca de 90°.

Vale Sobral/5 (fig. 5:5)

N. III

7 × 6,1 × 3,2 cm.

Lasca de quartzo espessa, de cor castanha-acinzentada clara. Contorno sub-circular, perfil plano-convexo e secção trapezoidal. Não apresenta retoque nem vestígios de utilização.

4.2. MENIR 2 (Est. II-A)

Jaz a cerca de dez metros a sul do anterior, dentro de uma vala, ao que parece aberta por «pesquisadores de tesouros», segundo nos afirmaram. Não nos foi, por conseguinte, possível saber as condições originais de deposição.

É de forma cilíndrica, com bom talhe e arredondado nas duas extremidades. Tem as seguintes dimensões: 1,10 × 0,55 × 0,50 metros. Constituído por um granito de grão médio, embora de natureza diferente daquele que forma o menir 1. Ambas as variedades podem ser encontradas a cerca de 6 km. para sul, no princípio das surgências graníticas de Nisa. Este facto sugere duas fontes de proveniência distintas, se bem que próximas, se a nossa identificação petrográfica, feita por exame macroscópico, for correcta. Neste segundo monólito encontram-se também gravadas algumas covinhas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. A sondagem do menir 1 da Charneca do Vale Sobral oferece-nos um interessante conjunto de dados para o conhecimento da tecnologia deste tipo de monumentos megalíticos. Até ao momento dispunhamos apenas das fotografias do soco de sustentação do menir central do recinto do Xarez para avaliar as técnicas empregadas nas fundações (Gonçalves, 1970, 1969; 1972, f. 10). No Xarez, o aparelho consta de um círculo de pedras amontoadas sem nenhum cimento aglutinador dentro

da fossa do alicerce, em redor da base do menir, diferente, portanto, do que pusemos a descoberto no Vale Sobral e que se assemelha ao usado em alguns dos menires do *prométhé* dos Almendres, embora aqui os blocos (em gneisse local) se disponham radialmente (!). Distinguem-se assim duas variantes técnicas na construção dos socos, uma empregando grandes pedras empilhadas em círculo (Xarez) e outra utilizando compridos blocos em xisto ou em gneisse (Almendres e Vale Sobral), ambas em obra seca; no Vale Sobral, estão colocados perpendicularmente entre si e travados no exterior por grossos seixos.

2. Os calhaus aplicados no reforço do soco são seguramente de origem local, abundando na cascalheira da Charneca do Vale Sobral. Já os blocos de xisto, talhados para o efeito, tiveram que ser recolhidos nas proximidades, pois não se encontram nas formações cascalhentas e arcósicas desta área. Deste modo, o aparelho não é o resultado de um simples aproveitamento dos materiais locais de que os construtores dispunham no momento da erecção mas, bem pelo contrário, depende de um plano prévio para cuja execução se foram buscar os elementos que no lugar escolhido não existiam.

As duas variedades de granito de que são formados os menires são estranhas à geologia da zona. O local mais próximo em que afloram situa-se, como se viu, a cerca de 6 km. em linha recta para sul. Se bem que não se possa determinar com exactidão, nem o sítio onde teriam sido cortados, nem o percurso seguido, os dois menires foram decerto transportados durante mais de 6 km. (em bruto ou já afeixoados) até ao ponto *deliberadamente* seleccionado para a sua implantação.

Todo este processo expressa um *comportamento intencional*, na acepção de não ter estado condicionado nem determinado pelos recursos imediatos em matéria-prima, superando-os para executar um programa autónomo. Trata-se de uma atitude mental e de um comportamento que, no eixo do sistema ideo-técnico, se localiza no oposto ao testemunhado pela Rocha dos Namorados, Pedra Alçada e Penedo Gordo (Reguengos de

(1) Informações amavelmente prestadas por Henrique Leonor Pina.

Monsaraz) onde é a forma natural de um afloramento que determina a ciação do menir.

3. As covinhas aparecem com frequência nos menires alto-alentejanos (foram também notadas nos da Granja de S. Pedro, em Idanha-a-Nova). Em vários destes exemplares a gravação ocupa ou estende-se desde a base sendo, por consequência, anterior à crecção, a exemplo do comprovado no menir 1 do Vale Sobral. Houve, portanto, a intenção de as deixar enterradas e encobertas, pelo menos em parte, quando a peça estivesse levantada, facto que sugere a hipótese das covinhas estarem contactadas com a terra ou com um nível cosmológico subterráneo onde residiriam as forças telúricas. Esta concepção distingue-se da observada nos menires da Bulhoa e dos Almendres nos quais a decoração (constituída por linhas onduladas partindo de círculos simples ou radiados gravados no topo) privilegia a parte superior, descoberta, do menir.

4. Na vizinha Arte do Tejo, as covinhas são um motivo raro, não tendo ainda sido possível situá-las na periodização geral do Complexo. Na Ribeira do Pracana conhece-se, porém, uma rocha gravada com mais de cem covinhas (Fig. 2 — cf. Gomes e Monteiro, 1978 c). Sendo este motivo um dos mais recorrentes na arte pré-histórica, possuindo uma multiplicidade de sentidos e de funções em diversas épocas, não é pertinente uma valorização destes paralelos como indicadores de parentesco cultural ou cronológico, pelo menos na ausência de uma análise cronológica e estrutural que defina a sua articulação e dinâmica contextual. Com efeito, as covinhas tanto ocorrem nos menires e nos dolmens (como, a título de exemplo, no esteio de cabeceira do monumento funerário megalítico da Granja de S. Pedro — Almeida e Ferreira, 1971, 165), como nas rochas ao ar livre da Alagoa (Tondela), datadas do final da Idade do Bronze (Gomes e Monteiro, 1978 b).

5. Os dois menires de que nos estamos ocupando não constituem um achado isolado na «Beira Alentejana». Do castro de S. Martinho provém um menir com a «cabeça» fálca bem diferenciada, hoje no Museu de Castelo Branco (Proença Júnior, 1905; Almagro, 1966, 36, 8). Foi posteriormente re-utilizado, aplanando-se uma das faces para nela se gravar uma composição do tipo das que figuram nas esteiras da Estremadura espa-

nhol (Gomes e Monteiro, 1978 a). No concelho de Castelo de Vide encontrou-se, tombado e partido em dois, o grande menir da Menda, cilíndrico e com 6,70 m. de altura. A base está ainda cravada no solo (Barata, 1965; Sâa, 1967, 184, 8; Rodrigues, 1975, 97). Na Granja de S. Pedro, freguesia de Idanha-a-Velha, apareceram durante a desmontagem da mamoa que encerrava um grande sepulcro megalítico, dois menires fálcos (um possuindo mesmo a escultura da glândula pênica), ambos gravados com covinhas e implantados ao lado esquerdo do corredor (Almeida e Ferreira, 1971). Finalmente, no local da Fonte Fundeira, a norte de Castelo Branco, os autores identificaram em 1974 um recinto megalítico, ainda inédito, formado por 16 monólitos com cerca de um metro de altura, rodeando um grande penedo natural.

Com a descoberta dos dois menires do Vale Sobral sobe assim para 22 o número de menires conhecidos nesta região, todos em granito e distribuídos por cinco locais (Fig. 6). Os menires do Alto-Alentejo concentram-se em torno de Monsaraz e de Évora (Fig. 6), formando dois focos que reflectem somente a incidência geográfica das prospeções, nomeadamente as de Pires Gonçalves (1970, 1972, 1975 e 1976) e de Henrique Pina (1971). Com o aparecimento desta nova mancha que se começa a esboçar na «Beira Alentejana», centrada no vale do rio Tejo, a distribuição dos menires alto-alentejanos afina-se mais extensa do que até aqui se supunha, sendo naturalmente de prever que futuras prospeções nos distritos de Portalegre e de Évora venham a assinalar mais exemplares, preenchendo os «espaços brancos» que actualmente separam estas duas regiões. (Fig. 6).

6. No que respeita à cronologia destes menires, a complexidade do problema e a quantidade de documentação que seria necessário manusear arrastar-nos-iam para um desenvolvimento sobremaneira extenso para o âmbito deste artigo. Deste modo, limitamo-nos aqui a uma análise genérica da evidência oferecida pelas três estações onde este tipo de monumentos megalíticos surge em associação com materiais datáveis, guardando para um trabalho de revisão dos menires portugueses que preparamos para breve a discussão pormenorizada desta e doutras questões: o dolmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo (Évora), o sepulcro megalítico da Granja

de S. Pedro (Idanha-a-Nova) e o povoado da Caramujeira (Lagoa, Algarve).

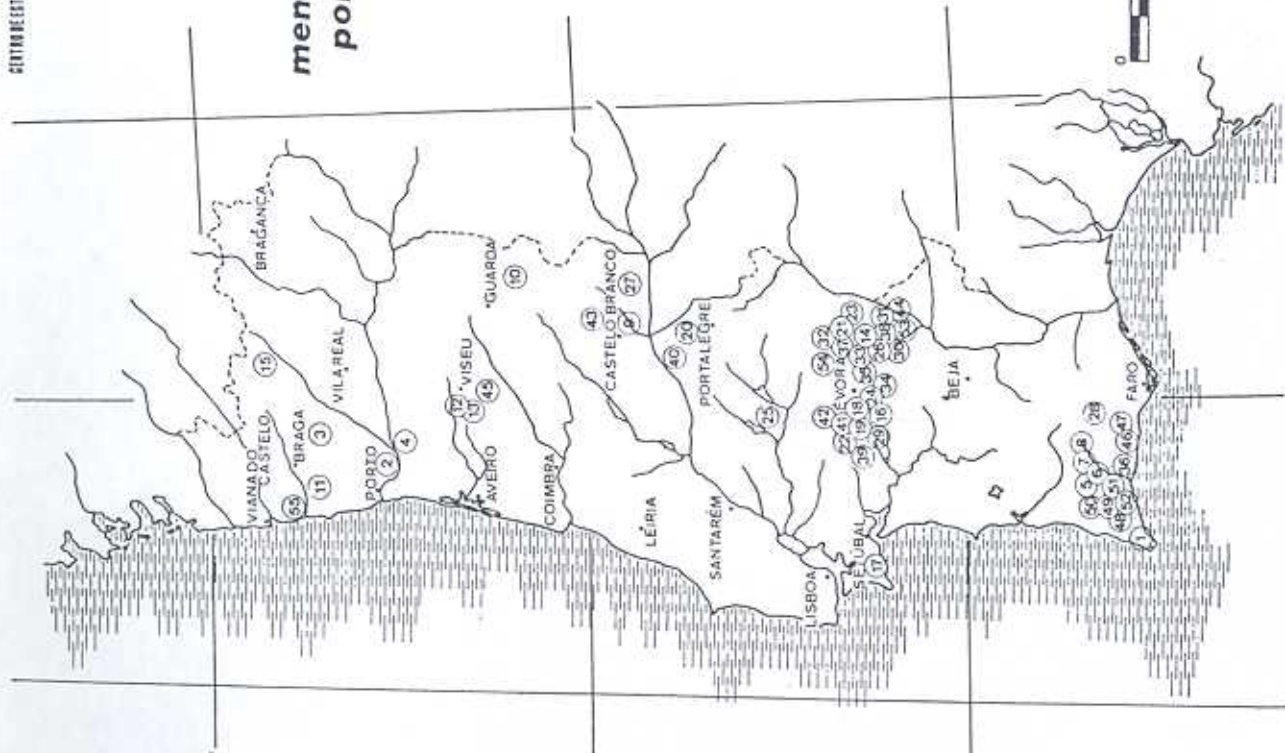
Na primeira destas estações, um menir gravado com linhas ondulantes, motivos em U e covinhas jazia tombado ao lado direito da entrada do corredor de um dolmen com a câmara de planta trapezoidal megalítica coberta por um aparelho em falsa cúpula. A escavação entregou um espólio característico das fases evolucionadas da série dolménica do Alentejo (Leisner, 1944, 18-27). A arquitetura aponta para um momento inicial do encontro das duas tradições, a megalítica alentejana e a das *tholoi* (Leisner, 1944, 28-9). Paralelos com a *tholar* 19 de Los Millares, com a da Farisoa e com o grande dolmen da Comenda da Igreja, a primeira datada pelo C-14 (2430 ± 120 a. c. — Gorbea, 1970, 18), os outros dois sepulcros por termoluminiscência (dando, respectivamente, 2675 ± 270 e 3235 ± 310 a. c. — Whittle e Arnaud, 1975, 7), propõem uma data nos arredores de 3000 a. C. para o dolmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo e para o menir que lhe estava associado.

Na Granja de S. Pedro, onde os menires estavam *in situ*, encerrados na vasta mamoa, o monumento funerário denota características arquitectónicas tipologicamente comuns aos grandes dolmens das Beiras e às antas de corredor do Alentejo, o espólio sendo escasso e atípico (Almeida e Ferreira, 1971, 167-8). Na primeira destas regiões, as datações de C-14 obtidas para o dolmen de Carapito I (2900 ± 40 a. c. e 2640 ± 65 a. c. — Leisner e Ribeiro, 1968, 61-2) indicam, uma vez calibradas, um horizonte nos meados do IV milénio a. c. para estes grandes dolmens, no qual se deverá provavelmente situar a construção da forma de transição da Granja de S. Pedro, incluindo-a dentro do processo de difusão para norte do Tejo dos sepulcros megalíticos, que se teria começado a desenvolver por volta desta data (Whittle e Arnaud, 1975, 10). Dada a ausência de dados publicados que informem sobre a relação estratigráfica entre as fundações dos menires e as dos esteios do dolmen, ignoramos se aqueles monólitos seriam contemporâneos da construção do monumento funerário ou se foram levantados posteriormente, durante alguma das eventuais fases de tumulação.

O povoado da Caramujeira, actualmente em estudo pelos autores (juntamente com E. C. Serrão), entregou já mais de vinte menires, entre os quais seis espécimes decorados em relevo com faixas de linhas ondulantes ou com cadeias de elipses. A tipologia dos materiais (a estratigrafia está profundamente revolvida pelas surribas das vinhas plantadas no local) sugere a existência de dois horizontes. O primeiro, com cerâmica plástica, incisa e impressa não-cardial, aparentada com as culturas do Neolítico Antigo Final do Sul da Península (grutas da Andaluza Oriental e povoados do Alentejo Litoral), poderá ser colocado nos princípios do IV milénio a. c. O segundo horizonte, caracterizado por cerâmica mamilonada, pratos de bordo largo e espessado e por malgas de carena baixa e fundo convexo, encontra os seus melhores paralelos no povoado de Parede I (Vicente e Serrão, 1958; Paço, 1964), sendo de atribuir ao Neolítico Final/Calcolítico Inicial. Não obstante o facto de até hoje nenhum menir ter aparecido numa sequência estratigráfica esclarecedora, a concordância exacta da sua distribuição com a área do povoado (verificada também na vizinha estação das Arcias das Almas) aponta claramente para uma integração destes monólitos numa das fases da Caramujeira, possivelmente na segunda, a ajuizar dos paralelos figurativo-conceptuais com os menires decorados de Vale-de-Rodrigo, Bulhoa e Almendres. A ser assim, poderiam ser datados nos finais do IV, inícios do III milénio a. c. A ausência de materiais mais evolucionados, já presentes em Vale-de-Rodrigo, fundamentaria uma certa anterioridade dos menires da Caramujeira.

Os elementos de que hoje dispomos sugerem, portanto, uma cronologia entre, aproximadamente, 3500/3200 e 2750/2500 a. c. para o menires do Sul de Portugal, datação que deve ser encarada estritamente como uma plataforma de trabalho, devido não só à escassez e à relativa insegurança com que surgem em contexto arqueológico, como também ao número insuficiente de datações absolutas que possuímos para o complexo megalítico.

menires de
portugal



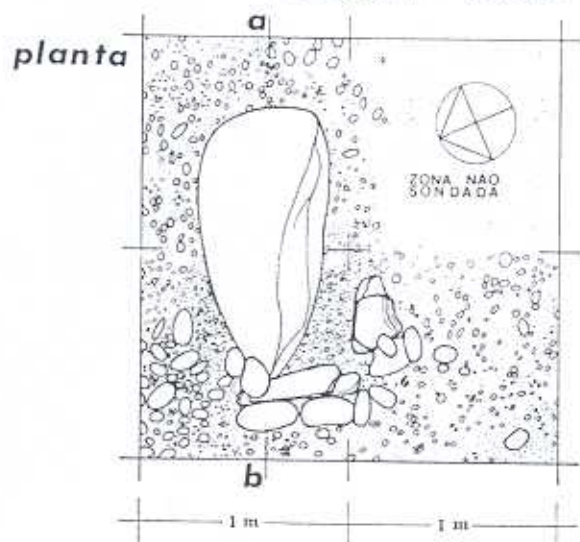
(A numeração respeita a ordem cronológica da descoberta ou da publicação)

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 1 — Cabo de S. Vicente (?) | 28 — Alto das Aiagoas |
| 2 — Marco de Luzim | 29 — Herdade da Correia |
| 3 — Cepães (?) | 30 — Fátima — cromlech |
| 4 — Castelo de Paiva (?) (1) | 31 — Xarez — rhenenos |
| 5 — Monte Branco | 32 — Pedra Alçada |
| 6 — Monte da Pedra Branca | 33 — Penedo Gordo (?) |
| 7 — Monte de Roma | 34 — Vale de Cardos-cromlech |
| 8 — Cumeada de S. Bartolomeu de Messines | 35 — Feriçães |
| 9 — S. Martinho | 36 — Vale da Lama |
| 10 — Folha da Torre (?) | 37 — Herdade da Capela — cromlech |
| 11 — Barcelos — cromlech (?) | 38 — Vidigueiras |
| 12 — Fataunços | 39 — Courela da Casa Nova |
| 13 — Bido dos Conqueiros ou Covas | 40 — Vale Sobral |
| 14 — Penedo dos Casamentos ou Rocha dos rados | 41 — Oliveirinha |
| 15 — Turrinheiras (?) | 42 — Cabarra |
| 16 — Vale-de-Rodrigo | 43 — Fonte Fundeira — cromlech |
| 17 — Vale da Palha | 44 — Xarez-menir fático |
| 18 — Almendres — cromlech | 45 — Caparrosa — estela-menir |
| 19 — Almendres-menir | 46 — Caramujeira |
| 20 — Póvoa e Meadas | 47 — Areias das Almas |
| 31 — Outeiro | 48 — Courela do Castanheiro |
| 22 — Portela dos Mogos — cromlech | 49 — Monte da Sobrosa |
| 23 — Bulhõa | 50 — Portela do Padrão — alinhamento |
| 24 — Veladas | 51 — Monte da Rocha |
| 25 — Pavia — cromlech | 52 — Luz |
| 26 — Ribeira do Álamo — cromlech | 53 — Gagos (2) |
| 27 — Granja de S. Pedro | 54 — Santa Margarida (2) |
| | 55 — S. Paio de Anas (3) |

- (1) Ainda não visitamos este monumento, mas a indicação bibliográfica deixa-nos dúvidas sobre se não se tratará antes de um dólmen (cf. Vilella, 1876, 165).
- (2) Apresentados por Pires Gonçalves numa conferência realizada no Museu de Évora em 31 de Agosto de 1977; agradecemos a este investigador, que os descobriu, a gentileza de nos permitir incluí-los nesta carta.
- (3) Comunicado por V. Oliveira Jorge às III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 14 de Outubro de 1977.

Fig. 6 — Carta de distribuição dos menires de Portugal

CHARNECA DO VALE
SOBRAL - NISA



menir 1

Fig. 4 - Planta e corte da sondagem efectuada junto ao Menir 1 do Vale Sobral



CENTRO DE ESTUDOS DE ARTE PRÉ-HISTÓRICA

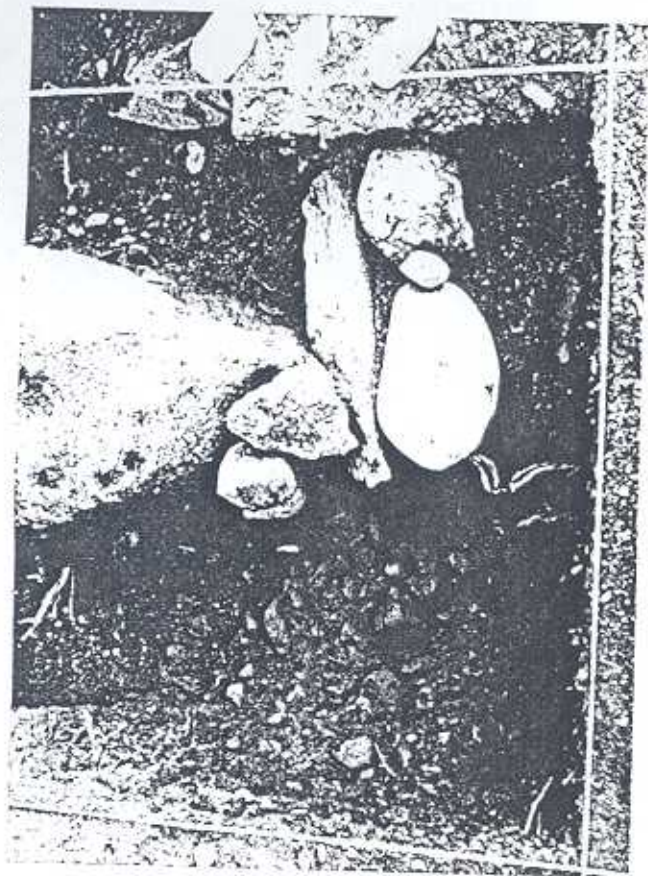


VALE SOBRAL 1

Fig. 3 — Menir 1 da Charneca do Vale Sobral



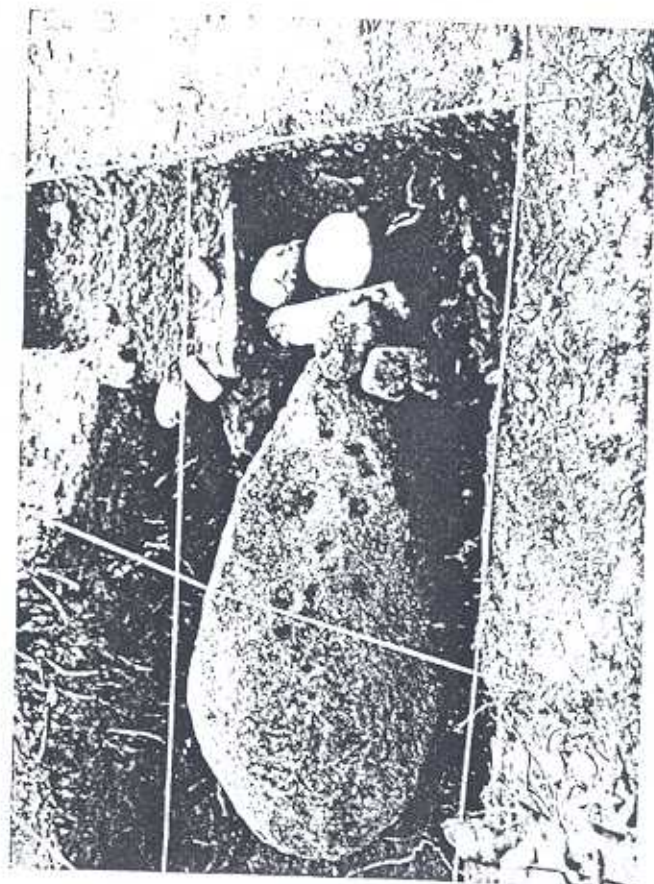
A — Menir 2 da Charreca do Vale Sobral, jazendo no fundo do vale onde foi encontrado (R II/75-12)



A — Aparelho da coroa de sustentação do menir 1, visto de Oeste (R. XVII/75-16)



B — Vista da estação, obtida de Oeste, durante os trabalhos de sondagem da coroa de sustentação do menir 1 (R. XVII/75-14)



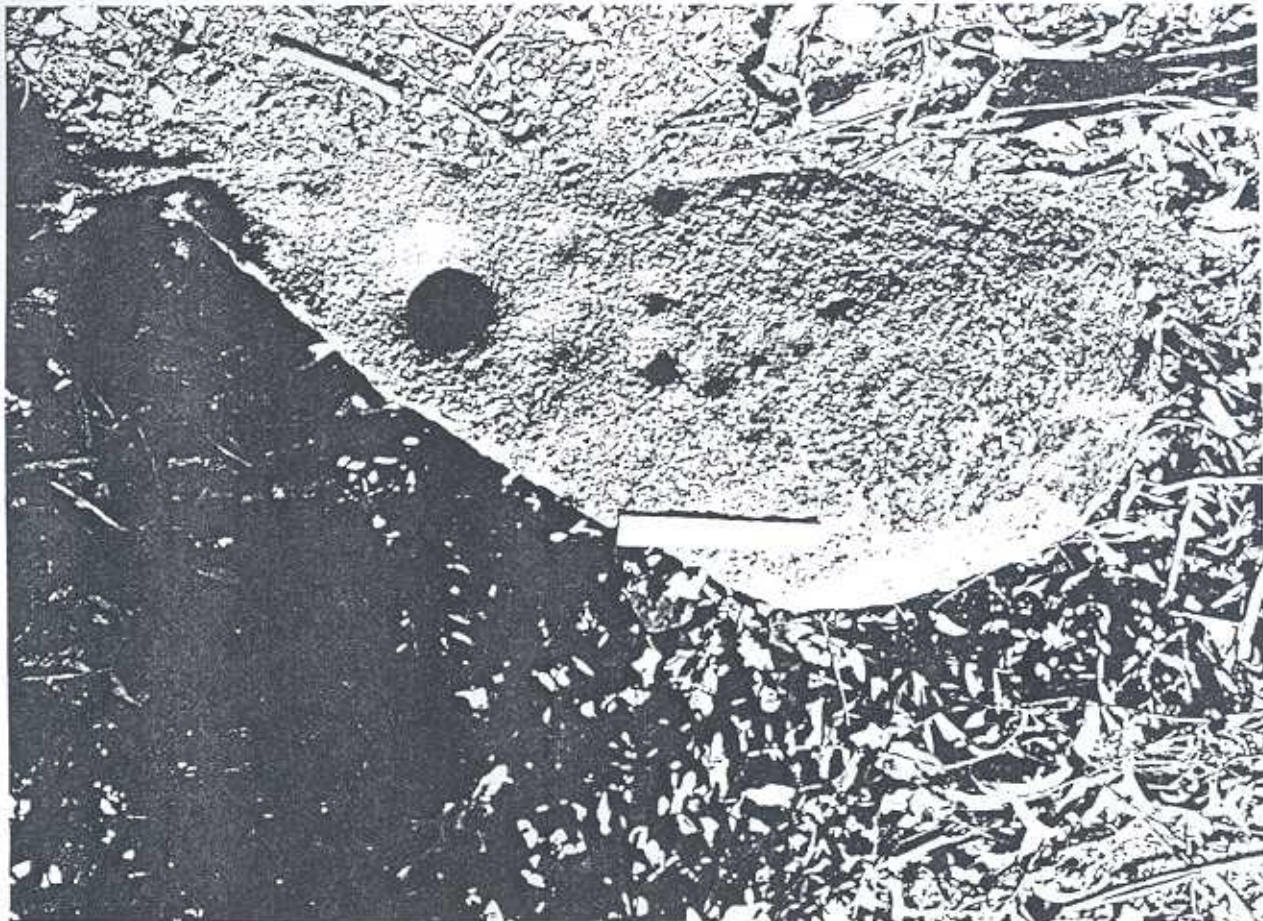
B — Aparelho da coroa de sustentação do menir 1, visto de Norte (R. XVIII/75-16)

VASCONCELLOS, J. Leite de (1942) — *Etnografia Portuguesa — tentame de sistematização*, vol. III, Lisboa (Imprensa Nacional), VII + 796 pp., 184 figs.

VIGENTI, E. Prescott e E. da Cunha Serrão (1958) — Estação arqueológica de Parede — posição do seu achado, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVI, fascs. 1-4, pp. 5-24.

VILLIERS, S. (1876) — Os dolmens, *Bol. Arqueológico e de Arqueologia da Real Associação dos Arqueólogos Civis e Etnólogos Portugueses*, 2.ª serie, vol. 1, n. 15, pp. 164-166.

WATKIN, E. H. e J. M. Arauxo (1975) — Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal, *Archaeometry*, vol. 17, pp. 3-24.



6. BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, Martín (1966) — *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Biblioteca Præhistorica Hispana, vol. VIII, Madrid (C. S. I. C.), 215 pp., 81 figs., 1. Ests.
- ALMEIDA, Fernando e O. da Veiga Ferreira (1971) — Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha), *Actas do II Cong. Nac. de Arq.* (Coimbra, 1970), vol. I, pp. 163-168.
- BAPTISTA, A. M., M. Varela Gomes, F. de Sande Lemos, T. Marques, M. Martins, J. Pinho Monteiro, L. F. Raposo, V. M. Serrão, A. C. Silva, M. A. Quetrol e E. C. Serrão (1974) — O complexo de arte rupestre do Tejo — processos de levantamento, *Actas do III Cong. Nac. de Arq.* (Porto, 1973), pp. 293-323.
- BARATA, J. P. Martins (1965) — O menir da Meada, *Eibnor*, vol. IV, pp. 139-140.
- GINÃO, A. de Amorim (1933) — *Esboço duma carta regional de Portugal*, 2.ª ed., Coimbra (Imprensa da Universidade), XXX + 224 pp., 6 mapas.
- GOMES, M. Varela e J. Pinho Monteiro (1978 a) — Las estelas decoradas do Pomar (Beja-Portugal) — estudio comparado, *Trabalhos de Prehistoria*, nueva serie, vol. 34 (no prelo).
- (1978 b) — As rochas decoradas da Alagoa (Tondelavisco) *O Arq. Port.*, série III, vols. VII-IX (no prelo).
- (1978) — Rocha com covinhas na ribeira do Pracana, *O Arq. Port.*, série III, vols. VII-IX (no prelo).
- GONÇALVES, J. Pires (1970) — Menires de Monsaraz, *Arqueologia e História*, 9.ª série, vol. II, pp. 151-176.
- (1972) — Arte rupestre de Monsaraz, *Arquivos do Centro Cultural Português* (F. Calouste Gulbenkian), vol. V, pp. 489-502.
- (1975) — Roteiro de alguns megalitos da região de Évora, *A Cidade de Évora*, n.º 58, 3-25 pp. (separata).
- (1976) — O núcleo de menires da Casbarrã, *A Difusão*, ano LIV, n.º 2782 (3 de Nov.)
- GOMBEA, M. Almagro (1970) — Las fechas del C-14 para la Prehistoria y la Arqueología peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, nueva série, vol. 27, pp. 9-43.
- LEISNER, Georg (1944) — O dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo, *Biblot*, vol. XX, pp. 1-30 (separata).
- LEISNER, G. e V. (1956-59) — *Die megalithgraber der Iberischen Halbinsel — der Pfaffen*, *Madrider Forschungen*, vol. I, 2 tomos, Berlin (Walter de Gruyter), t. 1 (VIII + 122 pp. 80 Ests.), t. 2 (XIX + 349 pp., 101 Ests.).
- LEISNER, Vera e L. Ribeiro (1968) — Die dolmen von Catapito, *Madrider Mitteilungen*, vol. 9, pp. 11-62.
- LEMOS, F. Sande e J. Pinho Monteiro (1975) — A propósito das «industrias» de seixos afeixoados do concelho de Sesimbra: esboço de uma ficha analítica descritiva, *Setúbal Arqueológica*, vol. I (Actas do I Col. Arq. de Setúbal), pp. 25-43.
- PAÇO, A. do (1964) — *O povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*, VI Centenario da vila de Cascais, Cascais (ed. da Câmara Municipal), 20, pp., 18 figs.
- PINA, H. Leonor (1971) — Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora, *Actas do II Cong. Nac. de Arq.* (Coimbra, 1970), vol. I, pp. 151-162.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1905 a) — Notice sur la préhistoire de Beira Alta et sur deux monuments trouvés en Portugal, *Congrés Préhistorique de France*, pp. 282-285.
- (1905 b) — *Notice sur deux monuments épigraphiques*, Coimbra.
- RIBEIRO, O., C. Teixeira, H. de Carvalho, A. Peres, A. P. Fernandes, C. Torre de Assunção e L. Pilar (1965) — *Carta geológica de Portugal na escala 1/50 000 — notícia explicativa da folha 28-B, Nisa*, Lisboa (Serv. Geol. de Portugal), 29 pp.
- RODRIGUES, M. da Conceição Monteiro (1975) — *Carta arqueológica do concelho de Castelo de Vide*, Lisboa (ed. da Junta Distrital de Portalegre), 277 pp., CXXX Ests.
- SAA, M. (1967) — *As grandes vias da Lusitania*, vol. VI, Lisboa, 326 pp., 19 figs.
- SERRÃO, E. C., F. de Sande Lemos, J. Pinho Monteiro, M. A. Quetrol, S. R. Lopes e V. O. Jorge (1972) — O complexo de arte rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão — Nisa): notícia preliminar, *Arqueologia e História*, 9.ª série, vol. IV, pp. 349-397.
- SERRÃO, E. C., F. de Sande Lemos, J. Pinho Monteiro e M. A. Quetrol (1973) — Notícia de novas descobertas no complexo de arte rupestre do vale do Tejo, *Actas do II Jornadas de Arq. da Ar. dos Arq. Port.* (Lisboa, 1972), vol. I, pp. 159-169.